

CONSIDERAÇÕES SOBRE O HABITAR COTIDIANO NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Marcos Paulo Alves de Jesus (Bolsista – PET Filosofia)

Glória Maria Ferreira Ribeiro (Orientadora - Tutora do Grupo PET Filosofia)

Agência financiadora: MEC/SESu

Resumo: Este trabalho pretende analisar o que o filósofo alemão Martin Heidegger (1889 – 1976) compreende pelo fenômeno do habitar. Fenômeno que se afasta da compreensão usual do nosso dia-a-dia, e revela a essência do nosso existir. Então para cumprir tal tarefa vamos investigar sua conferência de 1951, denominada: *Construir, habitar, pensar*. Nesta conferência, Heidegger busca pensar as relações essenciais que se dão entre construir, habitar. O que nos interessa nesse trabalho é evidenciar como tais relações se manifestam na nossa existência cotidiana.

Palavras Chave: construir, habitar, cotidiano.

Devido ao avanço da tecnologia e à necessidade de uma constante atualização do nosso modo de estar no mundo e com o mundo, às vezes nos distanciamos de pensar e permanecer junto daquilo que é realmente essencial. No pensamento heideggeriano o essencial traduz-se na busca pelo sentido do ser. Perguntar pelo ser em uma época cercada de avanços e descobertas nas áreas culturais, sociais e científicas dificulta pensar o seu sentido principalmente no modo como o homem contemporâneo vive e se relaciona com as coisas.

Todos os dias somos surpreendidos por esses avanços e descobertas que nos evade de colocarmos, para nos mesmos, o problema fundamental da nossa existência – que é precisamente perguntarmos pelo nosso ser. Existência que para Heidegger possui como estrutura fundamental a estrutura ser-no-mundo. Sendo assim, perguntar pelo nosso ser é já previamente perguntarmos pelo nosso ser-no-mundo; ou ainda: perguntar pelo modo como habitamos esse mundo.

Mas existe um modo originário de habitar? Heidegger na conferência proferida no ano de 1951 intitulada *Construir, Habitar, Pensar*, continua sua tarefa de elaborar a questão sobre o sentido do ser, agora, a partir da linguagem. Nesta conferência ele tenta reconduzir o fenômeno do construir e do habitar a referência originária que ambos estabelecem com a linguagem. Mas como dá-se essa referência? Quando pensamos no habitar logo associamos esta idéia a uma construção (moradia ou lugar) na qual a vida

acontece. Entretanto, há uma garantia de que nesses lugares o habitar realmente acontece? Escutemos Heidegger:

Uma ponte, um hangar, um estágio, uma usina elétrica são construções e não habitações: a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência (HEIDEGGER, 2002, p.125).

Prestando atenção as palavras e Heidegger é correto associar à idéia que só podemos habitar os lugares onde a vida acontece; ou ainda: o habitar não se refere simplesmente ao fato de se possuir uma residência, mas traduz-se no modo como o homem, ao se relacionar com as suas possibilidades de ser-no-mundo (através da tecnologia que o possibilita construir uma ponte, um hangar, um estágio, uma usina elétrica, etc) constrói o mundo que o circunda – sendo assim, teríamos que só é possível habitar aquilo que se constrói. Mas, o que de fato isso significa? Qual a relação essencial que se estabelece entre o construir e o habitar? Para pensar tal relação temos que investigar onde ela se manifesta que para Heidegger é na linguagem. Ou seja, na linguagem está resguarda a compreensão do que é o habitar, por isso é necessário perguntar por ela, pois a linguagem “abriga algo muito decisivo: o fato de não mais se fazer a experiência de que habitar constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem”(HEIDEGGER, 2006, p.128).

Em *Ser e Tempo* (1927) podemos tentar compreender o fenômeno da linguagem através da relação que esse fenômeno estabelece com o ser do homem que é pensado como *Dasein*¹. O fenômeno da linguagem encontra-se diretamente relacionado com outros dois quais sejam: a compreensão e a interpretação. O fenômeno da compreensão mostra-se sempre de forma prévia, ou seja, esse fenômeno permite que o *Dasein* já sempre compreenda o ser do qual ele faz parte - a medida em que esse ser o remete para as suas próprias possibilidades de ser e estar no mundo. A capacidade de se apropriar dessa compreensão de ser é denominada de interpretação. Contudo, essa interpretação não se confunde com um ato reflexivo ou, ainda, com um ato de exegese literária sobre a natureza do ser. Quando Heidegger nos fala de interpretação ele está se referindo ao próprio ato no qual descobrimos o significado (o ser) de alguma coisa (e de nós mesmos)

¹ O *Dasein* no pensamento heideggeriano é a determinação ontológica da existência humana que sempre se traduz nas possibilidades de se relacionar com o seu ser.

num fazer, numa ocupação. E ainda, toda compreensão e interpretação geram um discurso que para Heidegger é o fundamento ontológico-existencial da linguagem – que não se confunde com locuções ou atos da fala.

A linguagem na perspectiva *Ser e Tempo*, traduz-se de modo imediato, como discurso e surge na medida em que o *Dasein* se projeta no mundo se descobrindo como um ente que tem como possibilidade compreender e se relacionar com o ser. O discurso traduz esse acontecimento do *Dasein* no mundo – acontecimento no qual o *Dasein* articula em pronunciamentos os significados que são descobertos para (o ser) (d)os entes com os quais ele (*Dasein*) se ocupa – ocupação na qual o *Dasein* se descobre um seu próprio ser. O discurso que assim se articula – discurso no qual o *Dasein* se encontra lançado -, adquire duas dimensões, quais sejam: a autêntica e a inautêntica. A dimensão inautêntica do discurso encontra-se radicada no fenômeno da impessoalidade. Segundo Heidegger, o caráter de impessoalidade do *Dasein* não significa um fenômeno negativo, mas é o modo cotidiano, no qual, ele está assentado. Esse fenômeno da impessoalidade se deixa e faz ver no modo como, cotidianamente, nos relacionamos com as coisas e com os outros que nos vêm ao encontro no mundo de nossas ocupações. Ou seja, cotidianamente, nos relacionamos com as coisas a partir da pré-compreensão do que elas sejam. Ou melhor, raramente, em nosso modo de ser cotidiano nos perguntamos acerca do ser das coisas com as quais lidamos, mas partimos sempre de uma pré-compreensão do que essas coisas sejam. O nosso discurso cotidiano mantém-se na superfície dessa compreensão prévia; por outro lado, o sujeito do cotidiano, o impessoal, contenta-se em passar adiante essa fala desenraizada a que Heidegger nomeia de falatório. Contudo, é no seio desse discurso, no qual se revela o modo inautêntico de o *Dasein* se relacionar com o ser, que reverbera o modo autêntico da linguagem acontecer, modo que Heidegger nomeia de poético e que revela a linguagem no seu movimento mais próprio que é o movimento de trazer à tona o que se mantém encoberto: o ser. Por isso, ela não se esgota em um sentido², e em nenhum modo de apropriação por ser fundamentalmente a condição e a possibilidade de toda e qualquer apropriação.

Quando retornamos para a conferência de 1951, nela ouvimos o alerta de Heidegger para o fato da linguagem não nos responder, a princípio sobre o sentido do habitar e o construir porque “homem se comporta como criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo senhora do homem”. (HEIDEGGER, 2006, p.126). Este comportamento

² Em *Ser e Tempo*, Heidegger concebe como sentido aquilo que pode ser articulado em um discurso.

evita um questionamento autêntico da linguagem (modo poético), pois não nos entregamos a sua experiência. A experiência da linguagem revela o modo como podemos habitar, já que ela abre o campo de relações entre o homem e as coisas; e possibilita o redimensionamento do ser de cada ente – permitindo, igualmente, se pensar e compreender as relações que se verificam entre esses entes, desde sua origem. Estas relações nascem de um motivo muito simples: o pertencimento do homem à linguagem, pois é por meio dela que o homem e as coisas ganham e manifestam o sentido do seu ser. Mas, continuemos perseguindo as indicações que nos são dadas por essa conferência e vejamos o que ela nos diz sobre o construir.

Segundo Heidegger a palavra construir (*bauen*), se pensada a partir da linguagem, significa habitar. O habitar a partir do construir não se restringe a somente possuir uma residência, mas é a própria condição em que o homem se encontra no mundo. Esta condição do homem é compreendida por ele como um cultivo, resguardo. Quando pensamos estas noções podemos fazer uma associação com a idéia da relação entre o agricultor e o campo, porque muitas vezes as plantas nascem a partir de um cultivo. O cultivar aqui representa dar condições para que os campos floresçam, respondendo a um ritmo próprio. Este ritmo é fruto das condições da terra (tem que ser propícia para o cultivo), do tempo (acena o dia exato do plantio), do homem (que ao tratar a terra acredita que ela dará frutos). O cultivo tende a se revelar como um resguardo, resguardo este melhor compreendido se pensado a partir de um desvelo (cuidado). Mas quando falamos em cuidado (na relação entre o agricultor e o campo) pode suscitar a idéia que só é possível cuidar daquilo que se produz?

O cultivo do qual ele nos fala, não está no âmbito de cultivar aquilo que se produz, mas este cultivo só pode acontecer numa estância e circunstância. Estes dois termos revelam o exato local onde este construir acontece - já que por estância nos é dado compreender o lugar onde se inaugura um encontro e, por sua vez, circunstância é a condição ou estado necessário para que este encontro se dê.

Retomando nosso exemplo, o cultivo a partir de uma estância e circunstância não traz em si a idéia de um conhecimento ou uma técnica para lidar com o campo, mas é a própria condição que aí se instaura (o sol, a terra, a chuva) que o determina. O agricultor se vê dentro do processo de geração e florescimento da semente aí cultivada, se reconhecendo neste processo, ou melhor, ganhando seu ser de agricultor no ato mesmo de cuidar da terra. Ele já não se reconhece como um sujeito fechado em si mesmo que

independe do processo no qual dá-se o cultivo da terra. Pois mesmo que ele possua um saber prévio de como deve cuidar da terra (tais como aqueles que são veiculados em almanaques e livros especializados, ou ainda do saber que lhe foi legado por uma tradição) ele, no ato mesmo do cultivo, sabe que tais saberes de nada lhe serve se ele, enquanto agricultor, não se abrir para as relações que se impõem dentro do horizonte do cultivo. Ou seja, depois de preparar a terra e lançar a semente, o agricultor precisa descansar de si e obedecer à necessidade da terra. Porque não é mais ele quem decide, mas, é a estância que se abre na receptividade da terra, ela recolhe a semente em um tempo de maturação, do encontro do sol que aquece essa terra, bem como da chuva que lhe dá o amparo.

Mas, o que (a despeito do nosso exemplo), nessa estância e circunstância, propriamente se cultiva e se resguarda? Heidegger nos responde: é a “quadratura”. Quadratura significa permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses, e em comunidade com os mortais. Quadratura é o modo originário de o homem permanecer sobre esta terra. Como o próprio pensador nos acena:

‘Sobre essa terra’ já diz, no entanto, ‘sob o céu’. Ambos supõem *conjuntamente* ‘permanecer diante dos deuses’ e isso ‘pertencendo à comunidade dos homens’. Os quatros: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um a outro numa unidade originária (HEIDEGGER, 2006, p.127).

A terra indica o momento certo de plantar e o momento oportuno para a colheita. O céu permite as estações do ano, a luz do dia e da noite, além da conjuntura do tempo. Os deuses são os que alentam a vida, trazendo-nos força e coragem. E finalmente, viver em comunidade com os mortais, indica a natureza humana enquanto ser finito (que precisa sempre do outro para se completar).

Quando evocamos terra, céu, deuses e mortais, Heidegger nos alerta que eles constituem uma unidade originária que traduz o habitar que não nos permite pensar um sem o outro. Eles constituem juntos, em resguardo, e crescem entregues ao seu vigor. Com essa visão começamos a compreender como o construir pertence ao habitar, já que só é possível construir quando deixamos as coisas ganharem a sua essência, que se revela em uma demora junto às coisas. Demorar junto às coisas é permitir que elas aconteçam em seu vigor, demorar está relacionado a uma paragem - lugar para se realizar este encontro. O encontro só pode acontecer mediante o respeito às quatro faces: terra, céu, deuses, mortais. Respeito que se traduz na obediência ao ritmo próprio

das coisas e isto acontece quando se resguarda a quadratura- ou seja, as coisas quando entregues ao seu vigor de essência se encontrando na sua unidade originária. A quadratura revela o momento e a hora em que as coisas ficam livres ao seu próprio vigor. Vigor este, que revela aridez da terra que resguarda as estações do ano a espera da chuva que só o céu pode oferecer. Deste modo o homem pode arar, plantar, esperar nascer e agradecer o divino pela colheita.

Heidegger ainda nos alerta que o construir quando pensado a partir do latim “*colere*” significa cultura. “Ambos os modos de construir como cultivar, em latim, *colere*, cultura, e construir como edificar construções, *aedificare* – estão contidos no próprio *bauen*, isto é, no habitar” (HEIDEGGER, 2006, p.127). Então pensar o construir a partir da sua concepção usual não é algo que poderíamos afirmar que seja errado já que tanto edificar como cultivar está contido no habitar. Mas o modo originário de habitar tem sua compreensão na quadratura que é utilizada pelo filósofo para explicar este acontecimento no cotidiano. Céu, terra, deuses e mortais constituem a base ontológica onde toda a vida impera. É na co-pertinência que todo existir se faz no mundo e como mundo – enquanto esse se revela como as possibilidades de ser do homem (ser-com-os-outros, ser-junto-as-coisas e ser-em-função-de -si-mesmo); possibilidades que se revelam e concretizam desde as relações que com elas estabelecemos. São essas relações que a quadratura nos revela na essência do habitar; elas são abordadas por Heidegger quando diz: “Resguardar a quadratura, salvar a terra, acolher o céu, aguardar os divinos, acompanhar os mortais, esse resguardo de quatro faces é essência simples do habitar” (HEIDEGGER, 2006, p.138).

O habitar traduz-se em uma morada junto às coisas, já que elas revelam, por si mesmas, o que é próprio da existência - ou seja, existir é estar lançado, projetado nas possibilidades de ser que compõem o mundo no qual nos encontramos. Existir é, acima de tudo, entregarmo-nos ao processo de irrupção do mundo, próprio da existência como tal. A morada junto às coisas assume então o significado de um pertencimento no qual o existir se revela.

Concluindo, o habitar reflete um deixar-ser, onde o homem e as coisas estão livres para ganhar seu limite mediante a um abandono. Abandono este, que não passa pelo sentido de desprezo ou renúncia, mas é a própria condição desde a qual as coisas e os homens podem vir a existir, entregues ao vigor essencial de ser. O habitar traduz o fazer-se no mundo (próprio da existência humana) resguardando a quadratura, ou seja,

resguardando o pertencimento do homem as quatro faces (deuses, céu, terra e mortais) que revelam a simplicidade no modo como ele habita sobre a terra. Este habitar significa deixar que a vida tome seu curso, de modo a guiar cada gesto do homem em seu cotidiano – gestos que nascem da simplicidade das relações que esse estabelece com as coisas dentro do mundo. Então para Heidegger a compreensão do habitar se traduz no modo poético como o homem se encontra sobre a terra.

Referências Bibliográficas:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte Como História da Cidade*. (trad.) Pier Luigi Cabra. Martins Fontes. 1ª ed. 1992.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. In: *Ensaio e Conferências*. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. Parte I. 14ª ed. 2005.

RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. *O jogo do tempo. fundamento e liberdade no pensamento de M. Heidegger* (tese apresentada ao Departamento de Filosofia da UFRJ), 1999.